

Na maior floresta, o grande plano ecológico

RUY P. BARBOSA
Nosso correspondente

Washington — O governo norte-americano vai investir quase meio milhão de dólares por ano, durante os próximos 10 ou 20 anos, e que serão somados a outros recursos fornecidos pelo governo brasileiro, pelas Nações Unidas e pelas organizações internacionais de defesa do meio-ambiente "World Wildlife Fund" e "International Union for Conservation of Nature and Natural Resources", para iniciar — em fevereiro de 1979 —, na Amazônia brasileira, o maior e mais ambicioso programa de coleta e interpretação de dados ecológicos jamais realizado no mundo.

O programa, nas verdades, representa um desesperado esforço para tentar impedir que a Amazônia se transforme num vasto deserto, com consequências catastróficas para o Brasil e toda a humanidade.

Trabalhando de acordo com as autoridades brasileiras, os cientistas brasileiros e norte-americanos, que ao longo dos anos receberam a colaboração de ecólogos de outras nacionalidades, vão isolar 67 áreas na floresta amazônica, num total de aproximadamente 16 mil hectares, para estudar os efeitos do desmatamento sobre as espécies biológicas e seu impacto sobre o meio-ambiente.

Essas áreas vão variar, em tamanho, de 33 a 10.000 metros quadrados. O programa, não impedirá que prossigam os planos para o desenvolvimento da Amazônia, pois essas áreas de estudo serão localizadas dentro dos 50% de terras que a lei brasileira exige sejam mantidas intactas durante o processo de colonização.

Dentro dessas áreas, cada árvore, cada planta, cada pássaro, cada peixe, cada forma de vida enfim, será catalogada e estudada — inclusive os processos migratórios dos animais — para, ao fim de 10 ou 20 anos, determinar-se qual é o tamanho mínimo de uma área de floresta tropical a ser mantida para que o equilíbrio ecológico não seja quebrado. "Vamos catalogar e acompanhar cada forma de vida, exceto a dos milhões e milhões de insetos que vivem nessas áreas", diz o dr. Tom Lovejoy, biólogo norte-americano e diretor do escritório de Washington do "World Wildlife Fund", que dirigirá o projeto ao lado do biólogo brasileiro dr. Herbert Schubart, chefe do Departamento de Ecologia do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).

O programa de campo será dirigido por outro biólogo norte-americano, o jovem dr. Rob



O maior projeto ecológico já idealizado durará de 10 a 20 anos e mostrará os perigos da destruição da Amazônia para todo o mundo, no qual ela produz 1/3 do oxigênio existente

Bierregaard, cujo hesitante domínio do português demonstra uma notável falta de sotaque. Lovejoy conhece bem o Brasil e a Amazônia, onde viveu enquanto preparava sua tese de doutoramento sobre os pássaros brasileiros.

Os dados coletados pelos cientistas serão guardados e processados num grande banco de computadores que está sendo montado nos Estados Unidos pela "Smithsonian Institution", que também colabora no projeto.

Paralelamente, o dr. Michael Goulding, do INPA, vai desenvolver um minucioso estudo da vida animal nos rios da Amazônia, para estabelecer as áreas que devem ser protegidas de forma a impedir a extinção dos peixes.

CONSCIENTIZAÇÃO

Quando, há sete anos, o então ministro da Fazenda brasileiro Antonio Delfim Netto anunciou a disposição oficial de que o Brasil não poderia se preocupar com a defesa da ecologia, como se a destruição do meio-ambiente fosse um estágio necessário no caminho do desenvolvimento econômico, ele condenou à morte incontáveis espécies de vida.

Agora, felizmente a consciência dos dirigentes da Nação está-se ampliando. O novo presidente João Baptista Figueiredo tem falado na necessidade "indispensável" de "preservar o equilíbrio ecológico" quando o Brasil traçar seus futuros planos de desenvolvimento.

A mudança reflete uma conscientização aprendida da maneira mais dura: por meio do malogro empírico que foi a tentativa de colonizar a Amazônia. Durante os últimos 10 anos, porém, como num exercício militar, o governo abriu mais de 22 mil quilômetros de rodovias na

densa floresta tropical. Comprometendo delicados equilíbrios ecológicos e alterando cursos de rios, as estradas já produziram vastas porções de deserto no meio da floresta.

Como todas as florestas tropicais, a Amazônica é um deserto coberto de árvores, e seu balanço é extremamente frágil. As árvores servem como proteção contra a erosão provocada pelas enchentes, e o solo se mantém fértil na superfície pela acumulação de húmus produzido pela decomposição de material orgânico. Os pássaros, que abandonam áreas onde são introduzidas árvores alienígenas como o pinheiro, se alimentam de insetos e frutos e espalham as sementes que garantem a renovação da floresta, sob cuja proteção todos vivem.

Alterado esse balanço pelo desmatamento, poluição ou introdução de espécies vegetais não-autoctones, sobrevem a morte da floresta e das formas de vida que ela abriga.

As consequências da possível morte da floresta Amazônica — cujos 2,7 milhões de quilômetros quadrados serão transformados em desertos dentro de 30 anos se a exploração de seus recursos naturais prosseguir nos níveis atuais — afetarão não apenas a vida do caboclo da região, mas o dia-a-dia do paulista, do carioca, do latino-americano e do norte-americano médios — e podem estender-se por todo o mundo.

Nutrientes que se originam na floresta amazônica viajam pelo rio Amazonas e entram na corrente do golfo, que os carregam para as costas da Terra Nova, uma das áreas mais piscosas do planeta. Se a Amazônia deixar de fornecer esses nutrientes, a produção pesqueira do mundo diminuirá dramaticamente.

Estima-se que a floresta amazônica abrigue mais de 10% — talvez mais de 20% — de todas as espécies existentes no planeta. O homem mal e mal começou a explorar esses recursos: 90% de toda a alimentação do planeta provém hoje, de apenas 12 espécies de plantas. A derrubada da floresta destruirá também esse potencial, e o programa que será iniciado em fevereiro deve revelar um enorme potencial nutricional que poderá auxiliar a toda a humanidade.

Cerca de 50% das chuvas que caem na Amazônia são geradas pela própria floresta, o que acelera em muito o avanço do deserto em consequência do desmatamento e demonstra que o corte de árvores pode chegar a um ponto em que a tendência deflagrada pelo homem para transformar a floresta em deserto se tornará irreversível.

EXTINÇÃO

"A morte de um indivíduo, diz o dr. Lovejoy, é muito diferente da extinção de uma espécie." Uma espécie é uma unidade biológica: uma população ou uma série de populações de suficiente similitude genética para permitir a reprodução de indivíduos. A morte de um indivíduo representa a perda de um de uma série de indivíduos semelhantes, dos quais todos são capazes de reproduzir a forma básica, enquanto a morte de uma espécie representa tanto a perda da forma básica quanto de seu potencial reprodutivo.

A extinção — ele continua — é um processo irreversível pelo qual perdemos para sempre o potencial de contribuição de recursos biológicos para a vida no planeta. Na verdade, as espécies biológicas são os únicos recursos realmente não-renováveis. O petróleo e outros recursos fósseis,

como a maior parte dos compostos e elementos não-biológicos, são perfeitamente renováveis se nos dispusermos a gastar os recursos financeiros e energéticos para tanto. "A tecnologia e a ciência podem encontrar substitutos para o petróleo da Opep, mas não poderão jamais recriar a floresta amazônica." Em contraste, recursos biológicos — espécies, não indivíduos — são absolutamente não-renováveis. Espécies não podem ser recriadas. Quando extintas, suas contribuições biológicas estão perdidas para sempre.

A extinção é o destino natural de todas as espécies, diz o dr. Lovejoy. Mas, embora a extinção natural ainda ocorra, ela é trivial se comparada com a gerada pelo homem.

Durante a era glacial do Período Pleistoceno, o clima das regiões equatoriais era mais seco e não tinha condições de suportar uma floresta tropical. As florestas tropicais sobreviveram em algumas áreas, verdadeiros refúgios, e de lá se estenderam para cobrir a área que hoje dominam. O objetivo final do programa que começa em fevereiro não é só o de identificar as principais causas que destroem os sistemas de vida (ou ecossistemas), e sugerir estratégias para aboli-las, mas também o de identificar quais os locais em que a floresta sobreviveu durante o Pleistoceno, e defendê-los da exploração humana. O dr. Lovejoy é pessimista: "Considerando o volume de floresta que já foi destruído na Amazônia, acho que já é tarde demais mesmo para proteger essas áreas vitais mínimas."

CLIMA

A maior ameaça de todas, porém, que pode mudar as condições de vida em toda a face do planeta, só agora começa a ser

compreendida pelos cientistas. As plantas funcionam como verdadeiros pulmões do planeta, retirando da atmosfera o mortífero gás carbônico e substituindo-o pelo oxigênio essencial à vida. Calcula-se que a floresta amazônica é responsável pela produção de um terço de todo o oxigênio produzido no mundo. Se ela for transformada em deserto, o efeito se multiplica: não só o oxigênio deixa de ser produzido, mas o aumento do gás carbônico na atmosfera, que hoje, em consequência principalmente da queima de combustíveis fósseis, cresce à razão de 1,5 P.P.M. por ano, dará um enorme salto. E o gás carbônico é mortal para o homem.

As florestas tropicais são um grande reservatório de gás carbônico. Se esse gás deixar de ser absorvido e for liberado na atmosfera, o planeta pode chegar mesmo a perder sua capacidade de suportar em sua superfície a vida do homem. Os cientistas estão começando apenas a estudar essas consequências. Uma que já foi determinada é que o aumento do gás carbônico na atmosfera provocará profundas alterações nas áreas de climas temperados. O estado norte-americano do Kansas, por exemplo, que é o produtor do trigo que alimenta uma grande parte da população de todo mundo, especialmente na Europa oriental e no Oriente, perderia as características climáticas que permitem o cultivo do trigo.

Assim, o madeireiro que cortar na Amazônia a árvore que levará a floresta ao ponto sem retorno, a partir do qual ela perderá irreversivelmente sua capacidade de produzir chuva suficiente para permitir sua sobrevivência, estará ao mesmo tempo desencadeando um processo que poderá levar milhões de pessoas à morte por inanição.